

Os impactos das relações de poder nas questões de gênero e seus desdobramentos na materialização das práticas docentes

Paula Aparecida Borges de Oliveira Nascimento

Universidade Federal do ABC, Brasil. paula.borges@ufabc.edu.br

Mirian Pacheco Silva Albrecht

Universidade Federal do ABC, Brasil. mirian.pacheco@ufabc.edu.br

Resumo: O presente trabalho é parte uma pesquisa em andamento que tem como objetivo identificar como as relações de poder relacionadas às questões de gênero estão sendo materializadas nas práticas docentes. Para alcançar o nosso objetivo faremos as análises com foco no saber da experiência, uma vez que discutiremos a formação de professores e buscaremos considerar os saberes docentes atrelados às histórias vividas em sua prática docente e nos debruçaremos a aprofundar essas discussões considerando as relações de poder presentes nas questões de gênero que possam emergir por meio dos relatos de experiências dos participantes da pesquisa. Ela terá a narrativa como metodologia da pesquisa. O campo da pesquisa será composto por uma ou mais escolas públicas do estado de São Paulo. Para desenvolvimento da pesquisa, selecionaremos intencionalmente, no mínimo, 05 professores da rede pública estadual. Esperamos ampliar os debates e discussões em relação às questões de gênero.

Palavras-chave: Gênero; Sexualidade; Formação de Professores.

INTRODUÇÃO

Ao longo da história é possível identificar que as questões que envolvem Gênero e Sexualidade estão carregadas de silêncios, tabus, medos e repressão. Mas é importante ressaltar que o fato de estarmos discutindo tais questões neste momento é um avanço significativo, conquistado a partir de lutas que marcaram a história de muitas pessoas em diversos países, e no Brasil não foi e não é diferente. Louro (2003) destaca que 1968 foi um ano importante para evidenciar as inquietudes e indignações que marcaram as questões de sexualidade e de gênero. De acordo com a autora, esse ano foi um marco de

contestação e rebeldia coletiva, um momento que revelou os incômodos de grupos de jovens, negros e de mulheres que passaram a expressarem suas insatisfações diante de condições sociais e políticas que correspondiam àquele período. Louro (2003, p. 16) salienta que, “1968 deve ser compreendido, no entanto, como uma referência a um processo maior, que vinha se constituindo e que continuaria se desdobrando em movimentos específicos e em eventuais solidariedades”. Evidentemente, 1968 foi um ano que possibilitou mobilizações que geraram um movimento importante no contexto social e político o qual resultou em produções de livros, revistas e jornais significativos para além de marchas e protestos (LOURO, 2003).

Pensando ainda em 1968, período de mover social e esperança, ressaltamos que as questões de gênero e sexualidade, foram pauta de tais mobilizações, como já sinalizado anteriormente. Entretanto, é importante frisar que as questões de gênero e sexualidade não são sinônimos. Louro (2003), que ressalta a importância de estabelecer algumas diferenças entre sexualidade e gênero, ou entre identidades de gênero e identidades sexuais, uma vez que em muitos momentos os discursos sobre gênero, de certa forma, se entrelaçam com as questões de sexualidade. Sendo assim, destacamos que este trabalho faz parte de um recorte de uma pesquisa de doutorado em andamento que tem como objetivo identificar como as relações de poder relacionadas às questões de gênero estão sendo materializadas nas práticas docentes. Para alcançar o nosso objetivo faremos as análises com foco no saber da experiência, uma vez que discutiremos a formação de professores e buscaremos considerar os saberes docentes atrelados às histórias vividas em sua prática docente e nos debruçaremos a aprofundar essas discussões considerando as relações de poder presentes nas questões de gênero que possam emergir por meio dos relatos de experiências dos participantes da pesquisa.

CONTEXTUALIZAÇÃO TEÓRICA

Discutir as questões de gênero e formação docente é um desafio. Conforme, Cruz (2019, p. 122), “o tema das relações de gênero foi pouco explorado pelos estudos sobre educação no Brasil”. Portanto, estamos caminhando no sentido de jogar luz nas discussões relacionadas à gênero e neste sentido, em alguns momentos as discussões sobre sexualidades serão evidenciadas, uma vez que elas se entrelaçam. Neste sentido, Facchini (2019, p. 15) diferencia sexualidade e gênero da seguinte forma:

Longe da ideia de uma energia determinada biologicamente, percebemos que a sexualidade é um fato social que conecta corpos, prazeres, os desejos e práticas mais íntimas e individuais a questões como família, políticas populacionais, direitos humanos, saúde pública, controles e resistências.

Em relação às questões de gênero, Facchini (2019, p. 19) ressalta que “identidade ou expressão de gênero – refere-se a como o sujeito se percebe em termos de masculinidade e feminilidade ou como se expressa em relação a isso”. A autora chama atenção para o fato de que pessoas que não se identificam com seu sexo biológico são necessariamente homo ou bissexuais, e ressalta que orientação sexual e a identidade de gênero são independentes uma da outra.

Ainda em relação às questões de gênero e sexualidade, Scott (1995, p. 76), destaca que, “o uso de “gênero” enfatiza todo um sistema de relações que pode incluir o sexo, mas não é diretamente determinado pelo sexo, nem determina diretamente a sexualidade”. Mas o que é gênero, afinal? Sobre o conceito de gênero, a autora (1995, p. 86) diz:

Minha definição de gênero tem duas partes e diversas subconjuntos, que estão interrelacionados, mas devem ser analiticamente diferenciados. O núcleo da definição repousa numa conexão integral entre duas proposições: (1) o gênero é um elemento constitutivo de relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos e (2) o gênero é uma forma primária de dar significado às relações de poder. As mudanças na organização das relações sociais correspondem sempre a mudanças nas representações do poder, mas a mudança não é unidirecional.

Ao tratar das relações de poder, Foucault, enfatiza que o poder não é uma lei ou instituição, ela é uma estratégia de uma sociedade. Nesta perspectiva ele afirma que não entende como um sistema de dominação que um grupo ou elemento exerce sobre o outro, não entende como uma potência de que alguns tenham em sua própria posse. Ele afirma que poder é sim um nome recebido por uma “situação estratégica complexa numa sociedade determinada” (1999, p. 87 - 88).

As mobilizações coletivas nascidas a partir de angústias e inquietudes, possibilitaram discussões, debates e produções que deram a oportunidade de grupos marcados em muitos momentos, pelo silêncio, de terem suas vozes representadas e serem resistência diante de uma imposição estabelecida como correta a ser cumprida pela sociedade. Para Foucault (1999, p. 91 e 92)

As resistências não se reduzem a uns poucos princípios heterogêneos; mas não é por isso que sejam ilusão, ou promessa necessariamente desrespeitada.

Elas são o outro termo nas relações de poder; inscrevem-se nestas relações como o interlocutor irreduzível. Também são, portanto, distribuídas de modo irregular: os pontos, os nós, os focos de resistência disseminam-se com mais ou menos densidade no tempo e no espaço, às vezes, provocando o levante de grupos ou indivíduos de maneira definitiva, inflamando certos pontos do corpo, certos momentos da vida, certos tipos de comportamento.

No Brasil, essa efervescência social marcada por relação de poder e resistências, possibilitaram avanços e retrocessos no processo educacional. Podemos citar a publicação dos Parâmetros Curriculares Nacionais PCNs como um avanço relacionado à Educação Sexual. Segundo, Paula e Miranda (2020), esse documento, apresenta temas transversais, tais como o tema. Em contrapartida, Carvalho (2020) aponta que o texto final da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), excluiu em seu texto final, o termo gênero. Levando em consideração a importância dos estudos de gênero e de sexualidade (uma vez que estão entrelaçadas), não podemos desconsiderar os saberes experienciais docente e as suas implicações na materialização de suas práticas.

METODOLOGIA

Este trabalho está em andamento e terá a narrativa como metodologia da pesquisa. O campo da pesquisa será composto por uma ou mais escolas públicas do estado de São Paulo. Para desenvolvimento da pesquisa, selecionaremos intencionalmente, no mínimo, 05 professores da rede pública estadual. Os dados serão constituídos por meio de realização de entrevistas. Entendemos até o momento que a questão norteadora da entrevista para os professores será: Pensando nas questões de gênero, conte a nós como você planeja e desenvolve suas aulas? Mas podemos acrescentar outras ou modificar a questão apresentada. Após o movimento de transcrição das entrevistas, identificaremos trechos significativos para pesquisa e partiremos para a construção das mônadas.

RESULTADOS

Os resultados serão apresentados após a análise dos dados que serão constituídos após a realização das entrevistas. Temos a expectativa de ampliarmos as discussões sobre as questões de gênero nos espaços educacionais com

vistas a refletirmos sobre o impacto das relações de poder nas questões de gênero e seus desdobramentos na materialização das práticas docentes.

CONCLUSÕES

O trabalho aqui apresentado ainda não apresenta conclusões porque faz parte de uma pesquisa de doutorado em andamento. Entretanto, temos a expectativa de ampliarmos os debates e discussões em relação às questões de gênero e refletirmos juntos sobre os impactos das relações de poder nas práticas docentes.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CARVALHO, M. T. A Base Nacional Comum Curricular e Sexualidade: Crítica e Resistência. **Pesquisar**, Florianópolis, v. 7, n. 13, Ed. especial: SELIGeo, p. 89-100, jun. 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/pesquisar/article/view/74858> Acesso em: 30 abr. 2022.

CRUZ, M. H. S. Questões sobre diferenças de Gênero no Ensino Superior. Revista Temas em Educação, João Pessoa, Brasil, v. 28, n. 1, p. 114-137, jan./abr., 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/rteo/article/view/24695/22433> Acesso em: 24 abr. 2022.

FOUCAULT, M. **História de Sexualidade I: A Vontade do Saber**. 13. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1999.

LOURO, G. L. **Gênero, Sexualidade e Educação: Uma Perspectiva Pós-estruturalista**. 06. ed. Petrópolis: Vozes, 2003.

PAULA, G. N. MIRANDA, M. A. G. A abordagem de Sexualidade e Gênero na Disciplina de Ciências no Currículo de São Paulo: Análise dos Cadernos do Professor e Aluno. ACTIO, Curitiba, v. 4, n. 2, p. 1-22, mai./ago. 2019. Disponível em: <https://periodicos.utfpr.edu.br/actio/article/view/10920/7582>. Acesso em: 30 abr. 2022.

SCOTT, J. Gênero: Uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**. 1995. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/71721/40667>. Acesso em: 30 abr. 2022.